

# humanitas

**Vol. XXXV-XXXVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV  
C O I M B R A

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS. *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*. Edição fac-similada. Prefácio de Américo da Costa Ramalho. — Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, 1983.

A leitura de *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas* produz em nós um profundo fascínio, para o qual contribui, em grande parte, o facto de nesta 2.ª edição a obra nos aparecer enriquecida com um rigoroso prefácio do Professor Doutor Américo da Costa Ramalho que traz para o seu conteúdo e para a compreensão do leitor valiosos subsídios.

Sendo embora uma obra de indiscutível interesse, cujo alcance não escapou à análise esclarecida do nosso latinista, tornava-se indispensável, ao fim de tantos anos, um prefácio esclarecedor onde constasse não apenas uma apreciação crítica mas também o aditamento de elementos históricos que a investigação constante vai ressuscitando. E só um espírito verdadeiramente dotado para uma investigação séria teria capacidade de elaborar um prefácio cuja profundidade e rigor transformam, afinal, as apreciações formuladas numa segunda obra de investigação, complementar da primeira. De facto, a extensíssima obra de investigação produzida por Américo da Costa Ramalho ao longo de quase 30 anos de dedicado labor possibilitou o ressuscitar de uma parte substancial do nosso património literário quinhentista, salvando-o, assim, da incúria e ingratidão humanas.

A sua paixão pelo Humanismo português tem sido sobejamente demonstrada através duma incansável actividade de investigação em Portugal e no estrangeiro. O presente prefácio é um exemplo sólido desta actividade.

Numa minuciosa análise à obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Américo da Costa Ramalho critica, comenta e enriquece o seu conteúdo nos aspectos que considera menos exactos ou menos actualizados, como acontece, por exemplo, na pág. XI, em que rectifica e completa afirmações da Autora da obra com um importante esclarecimento histórico acerca de D. Leonor, viúva de D. Manuel. A evocação do meio e dos meandros da política da época são subsídios documentais de grande valia para a compreensão da obra.

A correcção feita à data da morte de Aires Barbosa (1530, data proposta por Carolina Michaëlis) para 20 de Janeiro de 1540 (com a devida comprovação documental) é outro testemunho do meticuloso cuidado posto na análise da obra.

Américo da Costa Ramalho detecta também, na pág. XIII, o desconhecimento, por parte da Autora da obra, do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, F. G. 6386, onde se encontram cartas de humanistas, cuja análise nos fornece dados complementares importantes para um melhor conhecimento da época.

Salientamos ainda, neste prefácio, quer a informação actualizada sobre Luísa Sigeia, na pág. XVI, quer a rectificação acerca da falsificação feita por Nicolas Chorian envolvendo a pessoa da nossa ilustre humanista (pág. XVII).

Profundo conhecedor de Cataldo, Américo da Costa Ramalho pôde também, neste aspecto, detectar algumas imprecisões, fruto do conhecimento ainda pouco completo que ao tempo de Carolina Michaëlis de Vasconcelos se tinha da época em

questão. Atempadamente somos advertidos, logo no início do prefácio, de que «oitenta anos são muito tempo» e de que «é natural que hoje conheçamos mais alguma coisa sobre a cultura portuguesa do séc. XVI». Esse «alguma coisa» é, afinal, um recuar até à chegada a Portugal de Cataldo Parisio Sículo que à corte portuguesa traz os ventos cálidos e fortes da esplendorosa cultura do Renascimento. E é assim que nós vamos encontrar, no prefácio, importantes e esclarecedores subsídios relativos à figura e à obra de Cataldo. Referimo-nos às correções, na pág. XI do prefácio, a alguns erros sobre Cataldo, que se encontram na obra na pág. 67 e na pág. 103 n. 302.

Chamamos finalmente a atenção para a bibliografia, extensa e actualizada, que o Autor do presente prefácio teve o cuidado de nos fornecer.

Registamos igualmente que todas as considerações nos são apresentadas num discurso particularmente erudito e motivador, em que a clareza e rigor da linguagem rivalizam com a elegância da construção frásica.

Concluindo: estamos perante uma obra valiosa, enriquecida por um não menos valioso prefácio, como aliás seria de esperar de um Professor de invulgar cultura, artista da palavra e profundo conhecedor do Humanismo quinhentista como é Américo da Costa Ramalho.

Coimbra, 27 de Novembro de 1984

EMA BARCELOS

**BERNARDINO DE LLANOS, *Diálogo en la visita de los inquisidores, representado en el Colegio de San Ildefonso (siglo XVI), y otros poemas inéditos.* Paleografía, introducción, versión rítmica y notas de José Quiñones Melgoza. Universidad Autónoma de México. México, 1982, 146 pp. + 41 pp. de fotocópias extra-texto.**

Na sequência das publicações de «Cuadernos del Centro de Estudios Clásicos», surge agora o número 15 que nos permite aquilatar da obra de Bernardino de (ou de los) Llanos, natural da diocese de Toledo, de estirpe nobre, aparentada com as famílias dos Llanos, Bustos e Escobares. Ainda muito novo, estudou latinidade e letras latinas num colégio jesuítico. E aos 20 anos já enveredava pela vida religiosa, fazendo votos do biénio em 1582.

Sendo «a Companhia de Jesus a maior associação de ensino que jamais existiu», não se afigura estranho que o seu *Corpus Litterarium* seja tão vasto como nos indica o autor do livro. Llanos foi um dos valores egrégios da Companhia, associando